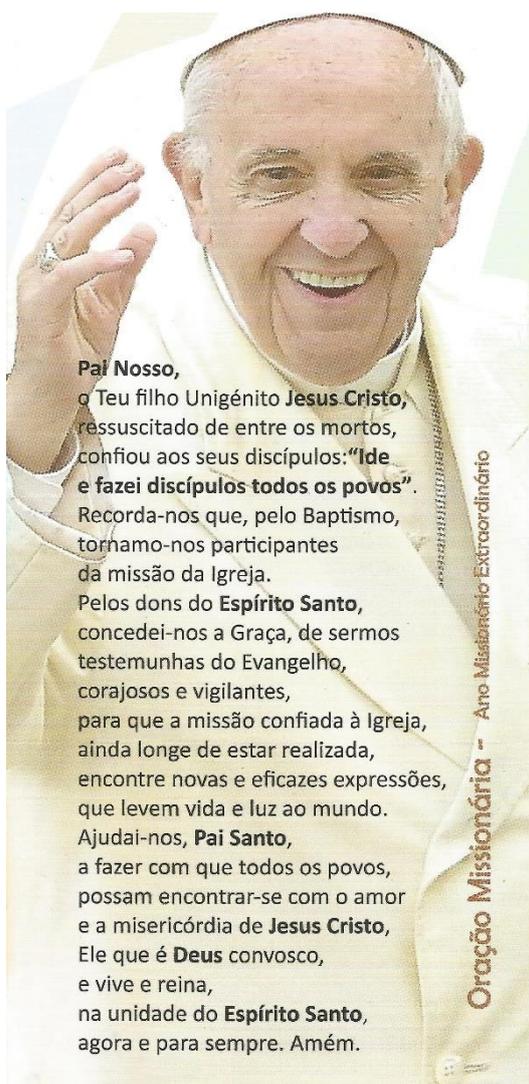




Todos nós, neste mês de Outubro, mês dedicado às Missões, encontramos esta pagela na nossa igreja. Com ela na mão somos convidados pelo Sacerdote a uma oração que nos é proposta pelo Papa Francisco.

No verso desta pagela encontramos a indicação de 4 obras Missionárias Pontifícias. É sobre estas obras que, não conhecendo, fomos à procura de saber pormenores.



Pai Nosso,
o Teu filho Unigénito **Jesus Cristo**,
ressuscitado de entre os mortos,
confiou aos seus discípulos: “**Ide e fazei discípulos todos os povos**”.
Recorda-nos que, pelo **Batismo**,
tornamo-nos participantes
da missão da Igreja.
Pelos dons do **Espírito Santo**,
concedei-nos a Graça, de sermos
testemunhas do Evangelho,
corajosos e vigilantes,
para que a missão confiada à Igreja,
ainda longe de estar realizada,
encontre novas e eficazes expressões,
que levem vida e luz ao mundo.
Ajudai-nos, **Pai Santo**,
a fazer com que todos os povos,
possam encontrar-se com o amor
e a misericórdia de **Jesus Cristo**,
Ele que é **Deus** convosco,
e vive e reina,
na unidade do **Espírito Santo**,
agora e para sempre. Amém.

Oração Missionária - Ano Missionário Extraordinário



4 OBRAS MISSIONÁRIAS PONTIFÍCIAS

OBRA DA PROPAGAÇÃO DA FÉ
Fundadora: Paulina Maria Jaricot
Finalidade: suscitar o interesse de
toda a Igreja pela evangelização.



OBRA DA INFÂNCIA MISSIONÁRIA
Fundador: Carlos Forbin-Janson
Finalidade: despertar nas crianças o
espírito missionário e de solidariedade.

OBRA DE S. PEDRO APÓSTOLO
Fundadora: Joana Bigard
Finalidade: formação do clero e
catequistas na missão “ad gentes”



OBRA DA UNIÃO MISSIONÁRIA
Fundador: Paulo Manna (Beato)
Finalidade: favorecer o espírito missionário
de todas as pessoas empenhadas no
ministério pastoral da Igreja.

OBRAS MISSIONÁRIAS PONTIFÍCIAS
R. Ilha do Príncipe, 19 - 1170-182 Lisboa
Telef. 218148428 - missio.omp@netcabo.pt
<https://www.opf.pt>





1- Obra da Propagação da Fé

Paulina Maria Jaricot

In <https://www.opf.pt/paulina-jaricot/>

[OMP] - Obras Missionárias Pontifícias - Portugal

Paulina Jaricot nasceu em Lião (França) a 22 de Julho de 1799, de uma família proprietária de uma fábrica de seda. Desde a sua infância recebeu profunda educação cristã. Após grave enfermidade e morte da mãe, em 1816, Paulina resolveu “servir somente a Deus”. Nesta oportunidade, fez voto privado de castidade e adoptou um estilo de vida e de vestir das mais pobres operárias. Por meio de seu querido irmão, Filéias, seminarista do Seminário de Saint-Sulpice, em Paris, onde se preparava para ser missionário na China, Paulina toma conhecimento e mantém-se informada da situação difícil das missões. Paulina, além de esforçar-se em dar a conhecer as necessidades das missões (pertencia também à Associação dos Padres das Missões Estrangeiras), amadurecia em sua mente algo mais orgânico que poderia suscitar o entusiasmo e evoluir interiormente; algo, inclusive, que pudesse envolver todos os católicos e ser uma verdadeira ajuda para todas as missões indistintamente.

Ao aparecer o grande projecto de Paulina Jaricot, que um dia se converteria na Obra da Propagação da Fé, seu irmão Filéias, recém ordenado sacerdote, sugere à irmã que se consagre, inteiramente, a uma actividade organizada em favor das missões. “A minha vocação – escrevia Paulina –

impedia-me de fixar a minha atenção apenas numa obra até o ponto de esquecer-me das demais... Desejo permanecer livre para poder ir onde as necessidades são maiores”. Suas outras obras foram: o Rosário Vivo (1826), a Obra de Boa Imprensa (bibliotecas populares e volantes, 1826), o Banco do Céu (1830), a Congregação de Filhas de Maria (1831).

O mundo católico considera Paulina Jaricot como uma mulher de extraordinária têmpera de alma e de ampla visão das necessidades da Igreja; uma mulher verdadeiramente amante da Igreja, que viveu quase sempre incompreendida, combatida, caluniada e até perseguida pelos superiores. Paulina era de temperamento prático: todas as suas iniciativas revelam um espírito sumamente realista, capaz de dar corpo e vida a uma ideia. Suas actividades, são aparentemente simples e susceptíveis de serem atribuídas a qualquer pessoa, denotavam, porém, uma percepção exacta da realidade social e espiritual de seu tempo.

As autoridades eclesiásticas, que repetidamente recomendaram a Obra aos Bispos, sacerdotes e fiéis, reconhecendo em Paulina Jaricot um instrumento dócil, generoso e heróico da Divina Providência para a evangelização, introduziu a causa da Beatificação, em 18 de Janeiro de 1830. Em 25 de Fevereiro de 1963, o Papa João XXIII assinou o decreto que proclama a heroicidade das virtudes de Paulina Maria Jaricot. Por isso a declarou “Venerável”, o que significa que a Igreja se compromete em beatificá-la. Porém, um milagre, fruto de sua intercessão é a condição, normalmente, necessária.

Enquadramento na história

A França encontrava-se em momentos difíceis para a missão. Sofria as consequências da Revolução Francesa, das posteriores guerras napolitanas, dos movimentos laicistas e racionalistas: encerramento de seminários, dissolução dos institutos religiosos, paróquias sem pastores,

empobrecimento do povo. Mas este foi o ambiente e o momento escolhido pelo Espírito Santo para o despertar de um novo vigor missionário na Igreja, por meio da jovem Paulina Jaricot. Paulina Jaricot (1799-1862), nasceu em Lião, França, filha de fabricantes de seda. Desde pequena entrou em contacto com as missões na China e na Ásia oriental conhecendo as suas imensas necessidades. Concebe um plano de ajuda aos missionários e expõe-no às colegas operárias da fábrica onde trabalhava. Apresenta o plano ao vigário geral da diocese de Lião que lhe responde: “adiantaria mais você encontrar um bom marido ou entrar num convento...” Mas Paulina continuou sua obra com o grupo de amigas. Reúne-se com as colegas operárias e rezam. Constituem-se, primeiramente, numa associação das Reparadoras. Unem-se a outras iniciativas semelhantes e fundam a Obra da Propagação da Fé, para ajudar, com a oração e esmolas, a obra da evangelização em todas as missões.

Esta Obra recebeu, desde o início, apoio dos Papas e foi acolhida pelos bispos em suas dioceses. O Papa Gregório XVI, na encíclica “Probe nostis” (1840), diz que é uma “Obra verdadeiramente grande e muito santa”: Leão XIII, apoiou e contribuiu na difusão universal da Obra da Propagação da fé dedicando-lhe duas encíclicas: “Sancta Dei Civitas” (1880) e “Christi Nomen” (1894). Entre todas as Obras, diz Leão XIII, a Propagação da Fé” destaca-se e brilha entre todas elas”. Pio X qualificou-a como “eminentemente católica e a principal instituição para a dilatação do Reino de Deus”. Bento XV, na encíclica “Maximum illud” (1919), a primeira Carta magna da actividade missionária lança fundamentos sólidos para a missiologia. Apresenta oficialmente as 4 Obras e recomenda-as aos bispos como a primeira Obra Missionária eficaz para ajudar todas as missões.

O carácter universal desta Obra obteve muita simpatia desde o início. Agora, como organismo oficial da Igreja para a cooperação missionária, abriu-lhe as portas de todas as

dioceses, paróquias, movimentos e famílias cristãs. Porém é com o Concílio Vaticano II que esta Pontifícia Obra Missionária, junto com as outras três, adquire a verdadeira importância, como instrumento local e prioritário da Papa, do Colégio Episcopal para a cooperação missionária da oração, da doação pessoal e das ajudas materiais para toda a Igreja. Todo o povo cristão é chamado a cooperar espiritual e materialmente na acção missionária. Repete-se o que aconteceu no início da Igreja: todo o povo participava na difusão do Evangelho.

Pio XI, em 1922, no centenário da fundação desta Obra, por um Motu próprio transferiu sua sede de Lião para Roma, no Palácio da Propagação da Fé, constituindo-a como “organismo oficial da Santa Sé para a cooperação missionária, recolhendo as ofertas dos fiéis de todo o mundo para as repartir entre todas as Missões”.

Os Objectivos

Suscitar o compromisso pela evangelização universal em todos os sectores do Povo de Deus: família, movimentos, associações, seminários, comunidades eclesiais de base, paróquias, Dioceses para que todos e cada cristão tomem consciência de sua vocação missionária universal. Promover nas Igrejas locais, a cooperação tanto espiritual como material e o intercâmbio de evangelizadores para todo o mundo. A evangelização é, primeiramente, obra do Espírito Santo, por isso é necessário colocar a oração e o sacrifício.

A Obra propõe-se formar “um fundo central de solidariedade para todas as missões”. Suscitar, promover, apoiar e formar vocações missionárias. Manter o intercâmbio de informações e testemunhos para estabelecer laços fraternos entre as Igrejas despertando a solidariedade e a comunhão evangélica no dar e no receber.



2 – Obra da Infância Missionária

Carlos Forbin-Janson

In <https://www.opf.pt/carlos-forbin-janson/>

[OMP] - Obras Missionárias Pontifícias – Portugal

Carlos Augusto Maria de Forbin-Janson, nasceu em Paris a 3 de Novembro de 1785 de uma nobre família do sul da França. Em 1805, antes de completar 20 anos, foi nomeado auditor do Conselho de Estado. Era um jovem muito competente e talentoso. Poderia aspirar a uma linda e ambiciosa carreira pelo mundo. Mas, sem hesitar, aos 23 anos largou tudo para ingressar no Seminário. Viu-se chamado ao sacerdócio numa época em que a situação da Igreja na França era, particularmente, muito delicada. O imperador francês estava numa luta aberta com o Papa. Foi ordenado sacerdote em 1811. No dia 24 de Junho de 1824, aos 39 anos, Carlos de Forbin-Janson foi nomeado bispo de Nancy e Primado de Lorena. Mas em 1830, por questões políticas teve de abandonar a diocese. Possuía um grande ardor pela vocação missionária. Em colaboração com o Pe. de Rauzan, do clero diocesano, fundou a Missão de França e percorreu todo o país fazendo pregações missionárias, sempre com muito zelo e talento. Um artigo publicado em Marsella sobre Forbin-Janson afirma: “Zelo apostólico extraordinário, eloquência nas pregações, grande domínio da Sagrada Escritura... Homem de puro estilo missionário. A sua dedicação às pessoas era imensa. Tanto de dia, como de noite, sempre se encontrava disposto a servir, desde os mais pobres até os mais afortunados, inclusive diante do rei e da família real. A sua caridade não tinha limites”.

Como sacerdote e bispo, sempre se sentiu impulsionado pelos sinais dos tempos, inspirado por iniciativas em favor da actividade missionária da Igreja. Muito preocupado com as crianças, encontrou-se em Lyon (1843), com Paulina Jaricot (fundadora da Obra de Propagação da Fé) que o apoiou plenamente no seu projecto de ajuda às crianças do mundo inteiro, através do lema: “crianças ajudam e evangelizam crianças”. O Projecto cresceu e, a 19 de Maio de 1843, a primeira Direcção da Obra fixou os seguintes objectivos: salvar as crianças da morte e da miséria; baptizá-las e dar-lhes educação cristã; prepará-las para serem apóstolos das crianças. : No dia 03 de Novembro, um ano após a fundação desta Obra, morre Forbin-Janson. Em Maio de 1845, a Obra da Infância Missionária já estava organizada em 61 dioceses da França. Somente esta Obra teve o privilégio de ser fundada por um bispo e isto, em parte, talvez explique seu crescimento e expansão tão rapidamente, num espaço de tempo tão curto. O crescimento continuou não só em países da tradição católica, mas também em nações e territórios de missão. Os primeiros padres nativos de Uganda, ordenados em 1913, foram membros desta Obra, quando eram crianças.

Enquadramento na história

Esta Obra surgiu para auxiliar os educadores a despertar, gradualmente, a consciência missionária nas crianças, animá-las a fim de partilharem a sua fé e os seus bens materiais com as próprias crianças das regiões e Igrejas mais necessitadas e promover as vocações missionárias a partir de tenra idade. A intuição de D. Carlos de Forbin-Janson, de comprometer as crianças cristãs com gestos concretos de fraternidade sem fronteiras, alcançou, nos 150 anos de existência, uma força incontida. São Pontifícias porque se desenvolveram com o apoio da Santa Sé que, ao fazê-las próprias, lhe concedeu um carácter universal. Por serem Pontifícias estão directamente ligadas ao Vaticano – ao Papa – particularmente à Congregação pela

Evangelização dos Povos, coordenadas por meio de um Presidente e os Secretários Internacionais de cada uma delas.

As Obras Pontifícias observam as finalidades de animação, formação e cooperação missionária. Nunca se saberá o quanto as crianças da Infância Missionária recolheram e recolhem em favor de seus irmãos nas missões. No ano de 1946 surge das Nações Unidas a UNICEF (Fundo das Nações Unidas para a Infância), com o objectivo de contribuir para a infância no mundo subdesenvolvido. Mas um século antes, no seio da Igreja, surgiu a primeira organização mundial em favor da infância desamparada, com um programa mais amplo do que da UNICEF: ajudar não só nas necessidades físicas, mas também espirituais e para o conhecimento do verdadeiro Deus. Apoiada por todos os Papas, Pio XI elevou-a à categoria de Obra Pontifícia, em 1922.

Os Objectivos

Esta Obra, como afirma o Concílio Vaticano II, “tem a capacidade de infundir nos católicos, desde a infância, o sentido verdadeiramente universal e missionário” (AG 38). “Esta Obra é um serviço das Igrejas particulares que trata de ajudar os educadores a despertar progressivamente nas crianças uma consciência missionária universal e a estimulá-las a partilhar a fé e os meios materiais com as crianças das regiões e das Igrejas mais necessitadas, despertando desde o início vocações missionárias. As ofertas dos meninos de todos os países contribuem para formar fundos de solidariedade que têm por finalidade ajudar as obras e a formação em favor dos meninos mais pobres.

A Obra tem uma função profundamente educativa; e adapta-se aos imperativos pedagógicos nos seus métodos de formação missionária e de disponibilidade à generosidade. Ao despertar a consciência missionária das crianças, deverá

adaptar-se à sua mentalidade, à sua idade, ao seu ambiente e às suas possibilidades. Embora tenha os seus próprios meios e estruturas de catequese, a Obra tem que integrar-se sempre na pastoral de conjunto da educação cristã dando-lhe uma abertura missionária” (Estatutos da Infância Missionária).

Tendo presente estes objectivos, o Papa João Paulo II expressou de forma actualizada o seu espírito, na Mensagem do Ano Internacional da Criança, definindo a Obra da Infância Missionária como “uma verdadeira rede de solidariedade humana e espiritual entre as crianças dos antigos e novos continentes”.





3 – Obra de S. Pedro Apóstolo

Joana Bigard

<https://www.opf.pt/joana-bigard/>

[OMP] - Obras Missionárias Pontifícias – Portugal

Joana Bigard nasceu na cidade de Coutances, Normandia, a 2 de Dezembro de 1859. Aos 14 anos já demonstrava interesse em ingressar na vida religiosa. Em sua vida familiar passou por momentos muito trágicos: perdeu o pai, Charles Victor Bigard, quando tinha 19 anos e seu irmão, René, logo depois, aos 28 anos. Aos 23 anos de idade, consagrou a sua vida ao amor e fidelidade a Jesus Cristo. Sofreu muito por causa desta sua consagração. Joana abre-se ao universalismo, buscando ajuda para todos os seminários em terra de missão.

Mãe (Estefânia) e filha (Joana), iniciam peregrinações, de casa em casa e entre conhecidos e amigos, no sentido de conseguir ajuda material e espiritual para esta finalidade. Os trabalhos são desenvolvidos e, dessa forma, mãe e filha, fundam a Obra de São Pedro Apóstolo (1889). Joana passou os últimos 25 anos de vida numa clínica psiquiátrica, onde faleceu, em 1903. Escreveu ela: “Deus me faz pagar caro a honra de ser chamada a ‘mãe dos sacerdotes’. Os queridos seminaristas nunca saberão quanto isso me custou”.

Enquadramento na história

Para os chamados “territórios de missão”, o Papa Inocêncio XI dizia: “Desejo mais a ordenação de um padre nativo que

a conversão de 50.000 pagãos”. E Pio VI recomendava aos Vigários Apostólicos: “A abertura de seminários é vosso primeiro e mais nobre dever”. Leão XIII mandou gravar na medalha comemorativa da inauguração do Seminário de Kandy, no Ceilão: “Teus filhos, ó Índia, serão os ministros de tua salvação”. Bento XV expressa com tristeza: “É doloroso que existam regiões nas quais há séculos foi anunciada a fé cristã, contudo ainda não se encontra um clero nativo”. O Espírito Santo suscitou um profeta, uma mulher leiga – Joana Bigard – que, com sua mãe Estefânia, sentem a necessidade da formação do clero nativo, em terras de missão. “Sentiram o chamamento de Deus, diz João Paulo II, e consagraram todos os seus bens, energias e as suas vidas na propagação do Evangelho promovendo a formação de sacerdotes e homens e mulheres consagrados na vida religiosa.

Joana e sua mãe souberam assumir com entusiasmo e tenacidade um instrumento válido para a realização deste nobre compromisso. Conhecem o Evangelho e a história das missões do mundo. Joana, comunica-se com Pe. Villion, grande missionário no Japão e, através deste, com Dom Cousin, bispo de Nagasaki, cuja comunidade era nova e antiga. Nova porque o bispo acabava de congregá-la, antiga porque sua origem remontava a 250 anos, tempos de São Francisco Xavier. A fé foi sendo alimentada de “pai para filho...” durante esses 250 anos. Agora reconhecida a liberdade religiosa, um bispo os congregava. Foi organizado um pequeno seminário com a capacidade para 50 alunos. No dia da inauguração apareceram mais. Escreve uma carta a Joana pedindo-lhe uma ajuda para ampliar o seminário e manter os seminaristas para não ter que dispensar essas vocações. No ano de 1922, Pio XI eleva esta Obra à condição de PONTIFÍCIA e, em 1925, nomeia Santa Teresinha do Menino Jesus, a Padroeira do Clero e das missões

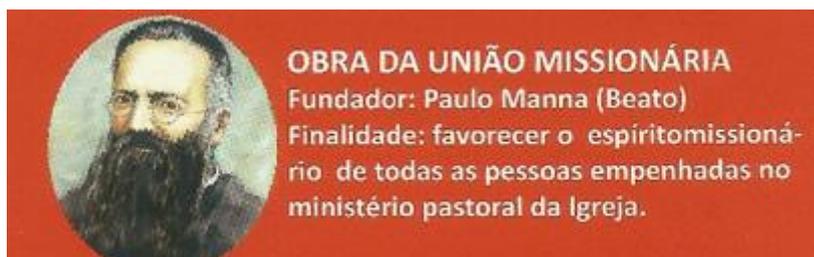
Os Objectivos

Esta Obra foi fundada para sensibilizar o povo cristão sobre o problema da formação do clero local nas Igrejas missionárias. A Obra convida a colaborar na formação dos candidatos ao sacerdócio por meio de uma ajuda espiritual e material. Os fundos obtidos com a fundação de bolsas, o pagamento de pensões, e outros donativos, possibilitaram a construção e o desenvolvimento de muitos seminários diocesanos menores e maiores. Desta forma, a Obra contribuiu em grande parte à promoção do clero local. Esta Obra continua desempenhando um papel muito importante. Nestes últimos tempos, a Obra de São Pedro Apóstolo ampliou progressivamente os seus objectivos concedendo também uma ajuda às casas de formação dos aspirantes de ambos os sexos à vida religiosa”. A sensibilização do Povo de Deus sobre a urgente necessidade de presbíteros, religiosos e religiosas para a evangelização nas terras de missão e em todo o mundo e a ajuda espiritual e material para a sua formação são os objectivos específicos desta Obra, no conjunto das Quatro Obras Missionárias Pontifícias.

A Informação-Formação foi a causa da motivação inicial de Joana e que devem ser os elementos de consciencialização hoje de todas as comunidades eclesiais. A Cooperação espiritual, pelo caminho do sacrifício, como Joana experimentou. A oração, o agradecimento e louvor. Ela dizia: “Com imensa alegria a Igreja deve agradecer a Deus o dom inestimável da vocação presbiteral que Ele concede a tantos jovens dos povos recém-evangelizados e convertidos a Cristo”. Cooperação económica: “Não podemos permitir que nenhuma vocação se perca por falta de recursos”, disse João Paulo II. E os frutos aconteceram. Em 1918, nos 50 anos desta Obra, os padres nativos da África eram somente 90. Hoje, entre diocesanos e religiosos ultrapassam 10.000. Na Ásia, o clero nativo não alcançava o número mil. Actualmente, anda próximo dos 25.000. E o que dizer dos

missionários da América Latina presentes em outros continentes? Da mesma forma, a presença de evangelizadores africanos, e asiáticos actuando em todas as partes da geografia humana?





4 – Obra da União Missionária

Beato Paulo Manna

<https://www.opf.pt/paulo-manna/>

[OMP] - Obras Missionárias Pontifícias – Portugal

Beato Paulo Manna Quinto dos seis filhos de Vincenzo e Lorenza Ruggiero, Paulo Manna nasceu no dia 16 de Janeiro de 1872, em Avellino, Itália. Em 1887 ingressou nos Salvatorianos, pois desejava ardentemente ser missionário. Em 1891 deixou a Congregação Salvatoriana para ingressar no Seminário Lombardo para as Missões Estrangeiras de Milão e foi ordenado sacerdote em 1894, aos 24 anos de idade. Neste mesmo ano foi enviado à Birmânia para trabalhar entre os indígenas da tribo Ghekku. Aí permaneceu durante 12 anos e fundou a missão de Mamblò. Destacou-se através dos conhecimentos linguísticos e métodos de inculturação. Em 1907, por graves motivos de saúde teve de voltar a Itália e passou a dedicar-se na promoção, sensibilização e conscientização missionária dos cristãos, revelando os seus talentos de organizador e escritor. Em 1909 publica o livro “Operarii autem pauci”, com cinco edições e várias traduções. Escreveu inúmeros livros e estudos sobre as missões. Várias das suas ideias foram, depois, retomadas nos documentos missionários: “Ad Gentes”, “Unitatis Redintegratio” e “Nostra Aetate”. Paulo Manna fundou a Obra da União Missionária graças à colaboração de Guido Maria Conforti, bispo de Parma e fundador do Instituto Missionário Xaveriano. O Papa Bento XV aprovou-a, em 30 de Outubro de 1915. Por encargo da “Propaganda Fide”, em

1921 fundou na localidade de Ducenta, Caserta (Itália), o Seminário Meridional para as Missões Estrangeiras e em 1924 foi nomeado Superior-Geral do seu Instituto Missionário.

Em 1926, foi nomeado Superior-Geral do Pontifício Instituto para as Missões Estrangeiras. Onze anos mais tarde a “Propaganda Fide” nomeou-o chefe do Secretariado Internacional da União Missionária do Clero, permitindo-lhe retomar o contacto directo com o clero italiano e do mundo. Logo após editou o livro “O problema missionário e os sacerdotes”. Enquanto na Itália ainda ocorria a II Guerra Mundial, em 1943 foi nomeado Superior Regional do PIME para a Itália Meridional. Dois anos mais tarde dedicou a sua vida à sua última revista missionária “Venga il Tuo Regno”, destinada às famílias. A Obra da União Missionária ficou conhecida e difundida rapidamente. Tudo isso graças à sua enorme personalidade como escritor. Após a morte de Paulo Manna, em Nápoles, a 15 de Novembro de 1952, a Obra já estava implantada em mais de 50 países. Hoje, são mais de 100, a maior parte nos países onde estão organizadas as Obras Missionárias Pontifícias. A figura do fundador desta Obra Pontifícia pode ser assim resumida: “Um homem com temperamento de fogo que queria realizar a exclamação de Paulo: ‘Ele deve reinar!’ (1 Co 15,25). Convencido de que a salvação das almas constitui a lei suprema e que toda a Igreja deve comprometer-se ao serviço de todos os homens. Ele foi, com sua palavra e com os seus actos, um dos grandes motivadores do renovado impulso missionário dos novos tempos dentro da Igreja”.

Notas históricas

Esta Obra é como que a alma das outras Obras, porque as pessoas que a compõem são especialmente capazes de suscitar o espírito missionário nas comunidades cristãs e de incrementar a cooperação missionária. “A União Missionária do Clero deve ter em vista sobretudo a cultura missionária

dos sacerdotes a fim de que, com o exemplo e a palavra, se interessem pela Missão e possam iluminar o povo...” (Pe. Paulo Manna). “O número daqueles que ignoram Cristo e não fazem parte da Igreja está em contínuo aumento. Mais ainda, quase duplicou, desde o final do Concílio. A favor desta imensa humanidade, amada pelo Pai a ponto de lhe enviar o seu Filho, é evidente a urgência da missão. Por outro lado, a época que vivemos oferece, neste campo, novas oportunidades à Igreja; a queda de ideologias e sistemas políticos opressivos; o aparecimento de um mundo mais unido, graças ao incremento das comunicações; a afirmação, cada vez mais frequente entre os povos, dos valores evangélicos que Jesus encarou na sua vida: paz, justiça, fraternidade, dedicação aos pequenos; um tipo de desenvolvimento económico e técnico sem alma, que está criando, em contrapartida, a necessidade da verdade sobre Deus, o homem e o significado da vida.

Deus abre, à Igreja, os horizontes de uma humanidade mais preparada para a sementeira evangélica. Sinto chegado o momento de empenhar todas as forças eclesiais na nova evangelização e na missão ad gentes. Nenhum crente, nenhuma instituição da Igreja pode esquivar-se deste dever supremo: anunciar Cristo a todos os povos.” (RM3) Se teve que sofrer por esta causa, também lhe provocava sofrimentos a verificação da causa da falta de missionários: a ignorância da dimensão missionária dos padres, que, muito absorvidos nas actividades pastorais, não percebem a urgência além de suas fronteiras. Estes factos fizeram conceber, “não sem uma inspiração do alto” (Paulo VI), esta Obra para ser um estímulo a todos os padres para socorrer as necessidades da missão. Em todo este processo de maturação, foi providencial a colaboração do Bispo de Parma, Dom Guido Conforti, fundador dos Xaverianos, que foi o primeiro presidente, no período de 1917-1927. Em 1956, por ocasião dos 40 anos de existência, o mesmo Pio XII a elevou a PONTIFÍCIA. Paulo VI diz que é “a alma das demais Obras Missionárias” e “apta para fomentar

principalmente uma intensa espiritualidade missionária” (Graves et Increscentes, 27).

Objectivos

“A Pontifícia União Missionária é um serviço especial das Obras Missionárias Pontifícias que tem como fim a sensibilização, formação e informação missionária dos sacerdotes, dos religiosos e das religiosas, dos aspirantes ao sacerdócio e à vida religiosa, como também de outras pessoas empenhadas na animação e ministério pastoral da Igreja. Resumindo, a União dirige-se a todos aqueles ou aquelas que são chamados a guiar e a animar o Povo de Deus. O resultado da actividade das outras Obras Missionárias Pontifícias dependerá em grande parte da vitalidade da Pontifícia União Missionária, visto que deve-se sobretudo àqueles a quem ela se dirige a existência constante de um vivo espírito missionário nas comunidades cristãs”.

Nota – Todos os dados deste trabalho podem ser consultados no sítio das [OMP] - Obras Missionárias Pontifícias – Portugal. Este trabalho foi tratado e corrigido com base no dicionário pré-acordo.

